



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II

AOS PARTICIPANTES NA ASSEMBLEIA INTERNACIONAL

DO MOVIMENTO HUMANIDADE NOVA DOS FOCOLARINOS *Palácio dos Desportos no EUR, Roma*

Domingo, 20 de Março de 1983 *Caríssimos Irmãos e Irmãs!*¹. Exprimo-vos toda a minha alegria ao encontrar-me aqui hoje no meio de vós, que ofereceis uma imagem tão palpitante e persuasiva da Igreja, e daquela autêntica comunhão interpessoal que ela, mesmo na multiplicidade das origens e das condições sociais dos seus membros, permite experimentar. "Como é bom, como é agradável viverem os irmãos em unidade" (*Sl* 133, 1), pois a promessa de Jesus é certa: "Onde estiverem reunidos, em Meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles" (*Mt.* 18; 20). E sei que todos vós, todos nós aqui presentes estamos reunidos no Seu nome. Portanto, demos espaço a Ele, à Sua misteriosa e confortadora presença, ao seu Espírito de verdade e de força, que a todos nos une num único vínculo de fé e de amor. Quero antes de mais nada agradecer à Senhora D. Chiara Lubich as palavras que me dirigiu em nome de todos vós, e entendo manifestar-lhe o meu vivo apreço pelo providencial aumento do Movimento dos Focolarinos não só em extensão mas sobretudo em intensidade. Ao mesmo tempo, saúdo de coração todos vós, que viestes a Roma, Sé de Pedro, em tão grande número. Na variedade da vossa proveniência geográfica manifesta-se a universalidade da Igreja, que se realiza em todas as latitudes com um inexaurível e cada vez mais atraente estímulo para a superação de todas as barreiras naturais e históricas. E na extrema diversidade das vossas profissões — pois representais as mais variadas categorias sócias — ressalta-se a genuína fraternidade da Igreja, na qual, como se exprime com autoridade o Apóstolo Paulo, "não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo" (*Gál.* 3, 28). Sinto-me feliz, de modo particular, de entrar em contacto com o "Movimento Humanidade Nova", por vós representado. O seu objectivo de dar uma alma cristã a todas as camadas da sociedade contemporânea concorrendo para o renovamento de homens e de estruturas, não pode senão encontrar a minha aprovação e o meu encorajamento. É preciso, de facto, que a iniciativa de amor vivificante, que tem a sua fonte no Pai celeste e culmina em Jesus Cristo, se estenda e quase se amplie em dimensão universal, para envolver toda a humanidade numa nova criação, numa verdadeira "palingenesia" (*Tit.* 3, 5; *Mt.* 19, 28). Porventura há ideal maior, mais entusiasmante, mais divino e ao mesmo tempo mais humano? Precisamente sobre este projecto, que se diria utópico se não fosse concebido pela vontade salvífica de Deus mesmo, desejaria fazer algumas considerações.² A Epístola aos Efésios abre-se com estas solenes e exultantes palavras: "Bendito seja Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, do alto dos Céus, nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo... nos predestinou para sermos Seus filhos adoptivos por meio de Jesus Cristo" (*Ef.* 1, 3.5) Deus-Amor quis estabelecer com o homem uma relação de Pai e filho. Por isto intervém na história dele, pessoal e colectiva, de diversos modos. Um modo particular de presença é a aliança que Ele estipulou com Israel, livrando-o da opressão e constituindo-o como povo. Esta paternidade para com Israel é como sinal da paternidade mais ampla e realíssima, que Ele entende demonstrar à humanidade inteira e que manifesta de modo

completo no dom que nos faz do Filho: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único" (*Jo. 3, 16*). É um Pai cheio de desvelos que se revela; um Pai que se interessa não só da nossa salvação espiritual: Ele, que veste os lírios do campo e vela pela sorte do mais pequeno dos pássaros (cf. *Mt. 6, 26-29*), cuida também dos problemas quotidianos materiais do homem (cf. *Mt. 6, 31-34*). Esta universal paternidade divina especifica-se depois em relação aos Baptizados, uma vez que estes, participando na singular e incomparável filiação de Jesus (cf. *Gál. 4, 1-7; Col. 1, 13*), se tornam realmente por novo título filhos de Deus (cf. *1 Jo. 3, 1*). Disto resulta que, sendo Cristo "Primogénito de muitos irmãos" (*Rom. 8, 29*), todos os que estão inseridos n'Ele se reconhecem ser irmãos entre si (cf. *Mt. 23, 8*) e, mais ainda, estão sob uma nova exigência de amor para com todos os homens (cf. *Mt. 5, 43-48*). O Evangelho, portanto, não é só uma mensagem que se refere à relação entre Deus e o homem, mas diz respeito também às relações dos homens entre si. Ao mandamento de amor a Deus com todo o próprio ser está unido e declarado semelhante o de amar o próximo como a si mesmo (cf. *Mt. 22, 39*). É um amor que deve realizar-se na reciprocidade, e que vai para além de qualquer medida humana. Jesus pede-nos que perdoemos e amemos o inimigo, apresentando-nos como modelo a perfeição do Pai (cf. *Mt. 5, 48*); Jesus indica-nos como medida do amor recíproco entre irmãos e o seu mesmo amor, que O leva a dar a vida: "O Meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (*Jo. 15, 12-13*). O Evangelho, por conseguinte, não anuncia uma realidade que deve permanecer de modo íntimo fechada nas almas dos crentes, mas traduz-se imediatamente na transformação profunda das suas relações interpessoais, num renovamento da rede das relações sócias. O Evangelho não é vivido verdadeiramente, se não produz nos seguidores de Cristo uma transformação do seu modo de viver no concreto da sociedade.³ Ao revelar ao homem a sua filiação divina, o Evangelho revela ao homem também a resposta, que ele deve dar ao amor do Pai para viver como filho. Esta resposta é dúplice, a Deus mesmo e aos outros homens. A primeira resposta, ao Pai, diz o que significa viver como filho, que comportamento usar, de tal sorte que a bondade do Pai se manifeste na vida dos filhos. "Procurai em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua justiça" (*Mt. 6, 33*): então o amor do Pai dará aos seus filhos o cêntuplo e a vida eterna (cf. *Mc. 10, 29-30*). A segunda resposta é ao irmão, no qual Jesus mesmo se identifica (cf. *Mt. 25, 31-46*). É uma resposta, para cuja actuação Cristo indica-nos múltiplos caminhos: as Suas palavras, porém, conduzem todas àquela central, que é o mandamento novo, a condição para que a unidade, que é essência do Evangelho (cf. Paulo VI, *Insegnamenti*, XI, 1973, p. 56), seja vivida entre os homens. "Quando o Senhor Jesus reza ao Pai que 'todos sejam um... como Nós somos um' (*Jo. 17, 21-22*) abre perspectivas inacessíveis à razão humana e sugere alguma semelhança entre a união das Pessoas divinas e a união dos filhos de Deus na unidade e na caridade" (*Gaudium et spes*, 24). A paternidade de Deus, que nos é revelada e participada por Cristo no Espírito, é a relação mesma entre o Pai e o Filho. Então, o dom do Pai, que nos é concedido em Cristo, exige que toda a vida humana, incluída a estrutura profunda da relação social, tenda para a sua fonte e para o seu dever ser, que é a vida mesma da Trindade. Cristo assumiu a humanidade e a sua real condição, excepto o pecado. Ao fazer isto. Ele mesmo uniu a vocação imanente e a transcendente de todos os homens. Os Padres da Igreja repetiam muitas vezes: "O que não é assumido (por Cristo) não é salvo" (S. Gregório Nazianzeno, *Ep. 3 a Cledónio*): a relação social é assumida — e salva — por Cristo no Seu corpo místico. O desafio para o cristão, então, é o de traduzir esta "socialidade redimida" em todas as dimensões da vida humana, como fizeram os primeiros cristãos, que, no meio da sociedade em que estavam a viver, levaram e mostravam um novo estilo de vida, uma autêntica solidariedade fraterna, um novo tipo de sociedade, uma comunidade, em que punham em prática as raízes trinitárias da convivência humana.⁴ Os seguidores de Cristo, para serem fiéis à sua vocação, devem dar prova concreta que o Evangelho é vida tanto para as almas como para a inteira sociedade. A comunhão dos fiéis no Espírito deve de tal modo tomar forma numa comunidade que, repartindo o único Pão de Vida, compartilhe também o pão da terra, actuando com formas concretas de encarnação, segundo as

situações sociais e culturais, em que os cristãos estão a viver. Como consequência, a unidade vivida como corpo místico de Cristo não fará talvez dos cristãos os que revelam e põem em evidência aquele tipo de solidariedade, pela qual somente se tem um verdadeiro corpo social? A livre articulação de muitos segundo toda a amplitude das expressões humanas, mas no âmbito do único corpo de Cristo, demonstra de maneira evidente a possibilidade da paz mais profunda na convivência civil e internacional. A caridade, que une entre si os membros do Corpo de Cristo, modelada na medida do amor misericordioso de Deus, não pode não apontar os mais justos e fecundos mecanismos para o diálogo da paz. O mandamento do amor, na luz da universalidade da vocação cristã (cf. *Gál. 3, 28*), estende-se então à comunidade dos povos, tornando possível amar não só a pátria, mas a mesma identidade do outro como a própria. A livre partilha dos bens entre os membros da comunidade cristã, lá onde é evangelicamente praticada, mostrará de modo eficaz a possibilidade da participação nos bens da terra por parte de todos. Os membros da comunidade política, a nível nacional e internacional: contribuir-se-á assim para encontrar aqueles "mecanismos e instrumentos de autêntica participação no campo económico e social, com o acesso aos bens da terra para todos, com a possibilidade de se realizarem no trabalho", numa palavra, com a aplicação da doutrina social, da Igreja". Como eu disse na minha recente viagem à América Central (*Homilia da Missa celebrada no Metro Centro de San Salvador*, 6 de Março de 1983, n.7). A plena realização do homem, que se tornou membro do corpo de Cristo, constitui então modelo para o reconhecimento da dignidade do homem, com os seus direitos e os seus deveres, dentro do corpo social. Mas já em Maria Santíssima este plano é concretizado, e Ela mesma no-lo dá, no Espírito Santo, como a carta magna. De modo particular, o *Magnificat* é o espelho da alma de Maria. Neste poema culmina a espiritualidade dos pobres de Javé e o profetismo da antiga Aliança. É o canto que anuncia o novo Evangelho de Cristo, é o prelúdio do Sermão da Montanha. Maria aqui se nos manifesta despojada de si, depositando toda a sua confiança na misericórdia do Pai. No *Magnificat* apresenta-se Ela como modelo para aqueles que não aceitam passivamente as adversas circunstâncias da vida pessoal e social, nem são vítimas da 'alienação', como se diz hoje, mas proclama com Ela que Deus é 'Aquele que exalta os humildes' e, se for necessário, 'derruba os poderosos do seu trono'..." (João Paulo II, *Discurso no Santuário de Zapopán*, México, n. 4, a 30.1.1979: AAS LXXI, 1979, p. 230). 5. Caríssimos Irmãos e Irmãs! Vós e o vosso Movimento sois chamados de especial modo a dar este profundo testemunho. Em comunhão com toda a Igreja e com os seus legítimos Pastores, vós deveis ter elevada a luz do Evangelho, como cidade no alto do monte, como candeia em cima do velador (cf. *Mt. 5, 14-15*). Sabei manter sempre inalterado o entusiasmo do vosso empenho, unindo-o constantemente à humildade daquele que nem sempre sabe colher o que semeia, antes, que aquilo que se tem a ventura de colher muitas vezes depende de uma sementeira feita por outros, como oportunamente nos recorda o Senhor (cf. *Jo. 4, 36-38*). Dai, portanto, à Igreja um salutar exemplo de incessante escuta da Palavra de Deus, de oração, de comunhão recíproca, de alegria espiritual, de profundo respeito pelos carismas dos outros, de inserção harmoniosa e frutuosa no grande conjunto do corpo de Cristo, numa palavra, de autêntica maturidade cristã. No programa dos vossos trabalhos reparei que passastes uma jornada muito intensa. Sobretudo, a multiplicidade das vozes que se sucederam tocou uma série amplíssima de problemas, de ambientes, de situações, onde é necessário lançar a transformadora semente do Evangelho. Quem sabe quantos estímulos recebestes, quantos propósitos formulastes, que generosa disponibilidade renovastes! O Senhor ilumine, confirme, purifique e corrobore as vossas mentes e os vossos corações. Da minha parte, asseguro-vos uma especial lembrança na oração. Tende a certeza de que acompanho a vossa actividade e que de vós eu espero muito no plano de um fecundo testemunho evangélico "para uma Nova Humanidade", conforme o tema da vossa Assembleia. E, também com o meu afecto, vos acompanhe sempre a Bênção Apostólica, que me é grato conceder-vos de grande coração e que desejo tornar extensiva aos que vos são caros, aos vossos amigos e a todos os que encontrardes no vosso caminho pelas estradas do mundo. Copyright 1983 - Libreria Editrice Vaticana

